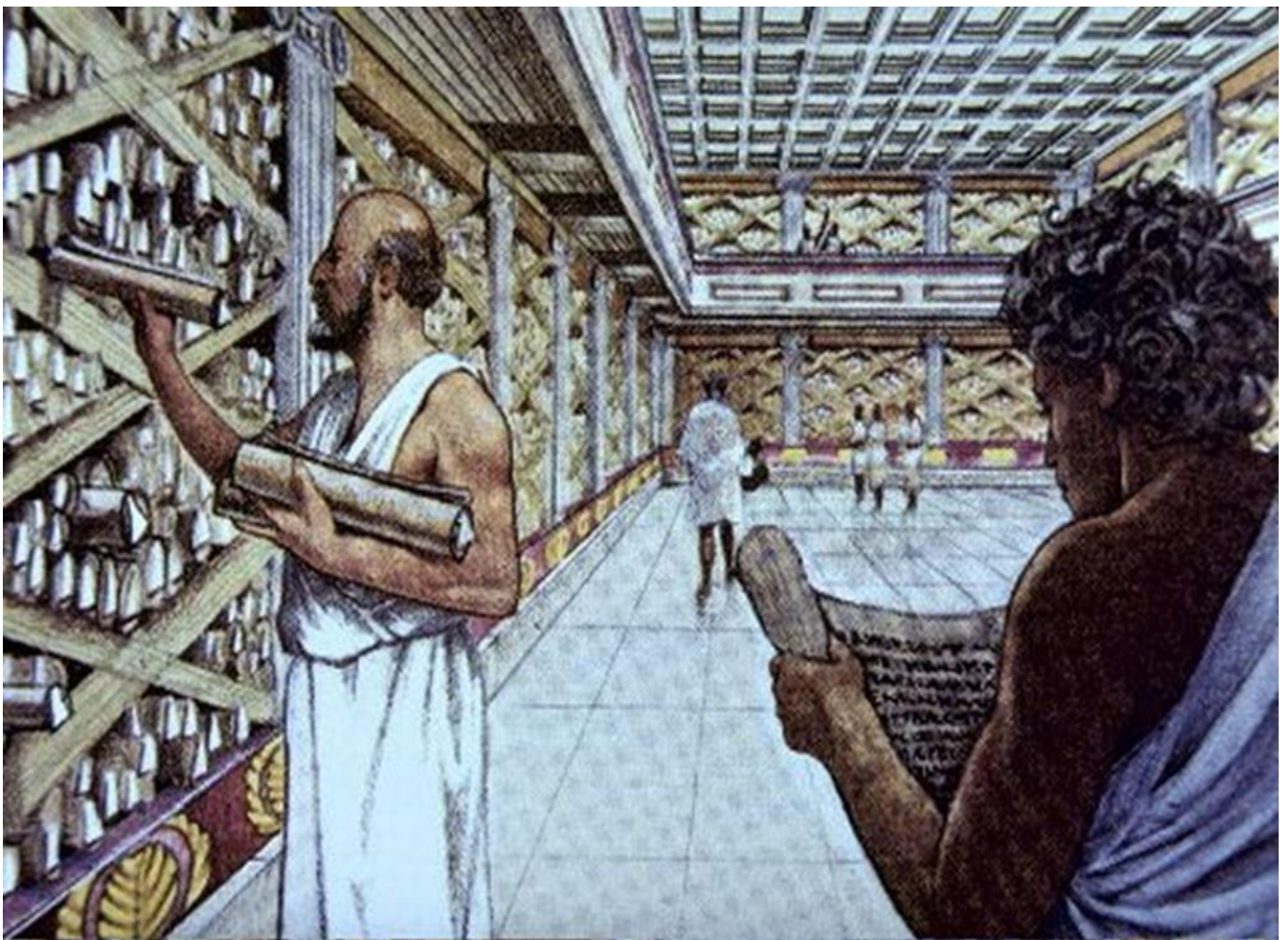


BIBLIOTECA

MEMÓRIA E CULTURA,

INVESTIGAÇÃO E CONSULTA,

INFORMAÇÃO E LAZER



Os Antepassados da Biblioteca

A palavra **biblioteca** (**biblion, livro, e theke, depósito**) significa **colocação ou depósito de livros**.

O significado, o papel e a função da Biblioteca têm tudo a ver com a dimensão cultural do homem inserido num dinâmico contexto social e civilizacional. A proliferação bibliotecária transformou-se num caudal cujo estuário ainda está longe de ser atingido. Suas múltiplas ramificações revelam a fértil diversidade e a insaciável fecundidade da aspiração humana. O homem sempre desejou exprimir-se, conhecer-se cada vez melhor e dominar o universo e ultrapassar as dificuldades que o limitam. O acervo bibliotecário, que a sociedade regista, guarda e faculta, mostra como, através de todas as idades, o homem pretendeu e pretende estes objetivos. Continua incessantemente esta tarefa sem fim.

A biblioteca é uma realidade viva e dinâmica que tem os seus progenitores no registo pré-histórico e na expressão escrita. Foi uma relação que continua a fecundar.

No registo pré-histórico, o homem foi revelando as suas capacidades, pensamento, imaginação, crenças e manifestações artísticas, construindo instrumentos, na medida das suas necessidades de sobrevivência, monumentos, esculturas e pinturas. A biblioteca tem no período antropológico o seu primeiro pai que vai, de caverna em caverna, caminhando até se encontrar com a escrita que lhe oferece um consórcio interminável, num crescendo sem limites de criação poética e artística, de revelação e investigação, de imaginação e comunicação.

Da tábua de argila ao papel

Os primeiros registos escritos encontram-se em placas de argila. Há duas grandes modalidades de escrita: **de pensamentos e de sons**. A primeira, hieroglífica, imitativa, simbólica e alegórica, foi



usada pelas antigas culturas egípcia e chinesa; a segunda é composta de elementos ou letras. Esta espécie de escrita é baseada no alfabeto de 22 letras, inventado pelos Fenícios e propagado por estes aos Gregos e Latinos, chegando até

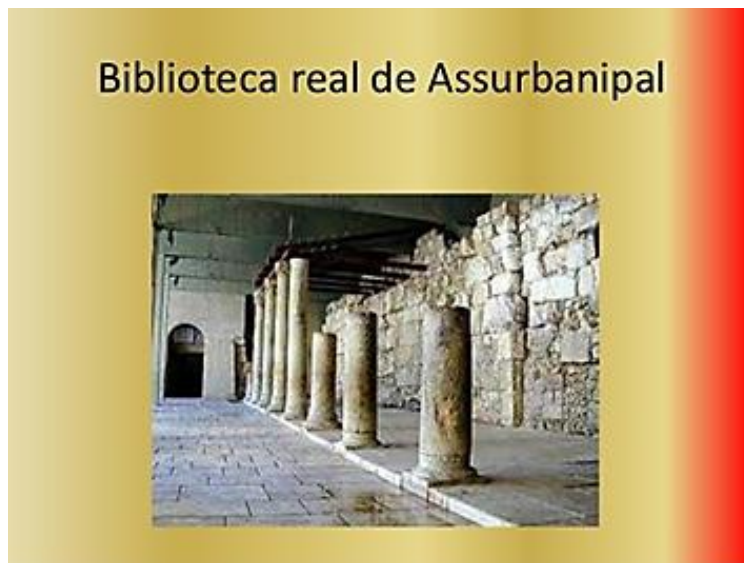
nós depois de tomar várias formas de representação.



Fenício	𐤀	𐤁	𐤂	𐤃	𐤄	𐤅	𐤆	𐤇	𐤈
Grego clássico	Α	Β	Γ	Δ	Ε	Ζ	Η	Θ	Ι
Latim	A	B	G	E	L	M	X	O	T

Os materiais usados na escrita foram evoluindo, desde as tábuas de argila, os papiros, os pergaminhos até ao papel e os mais modernos materiais de suporte informático.

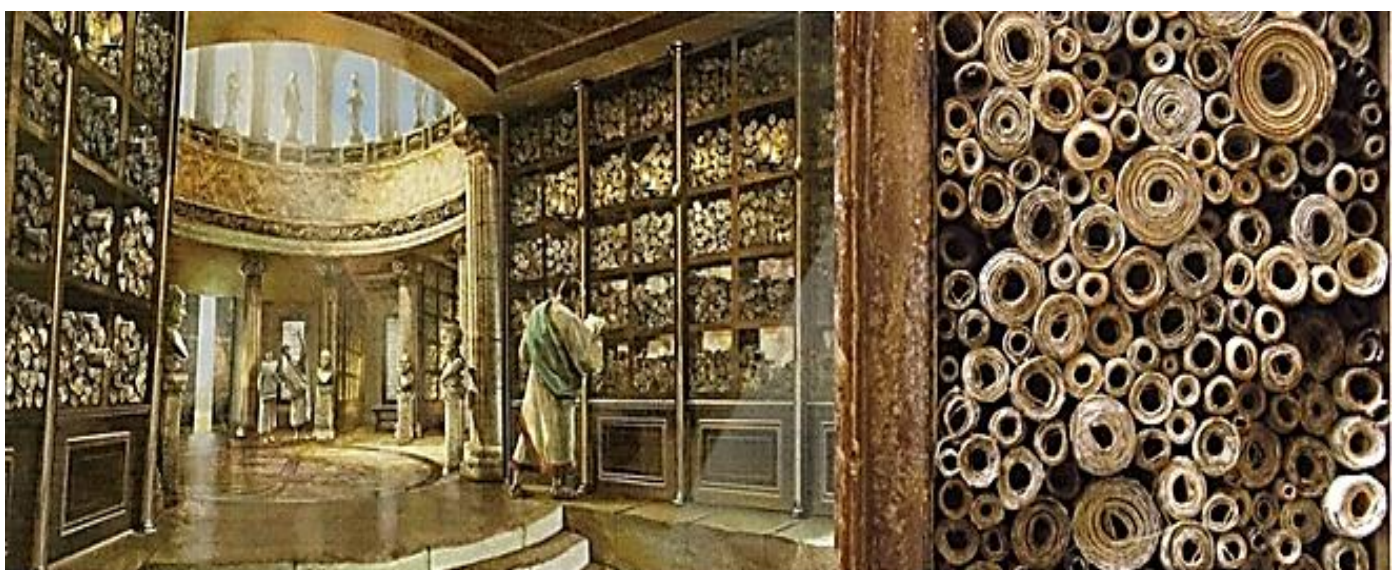
As primeiras bibliotecas tinham um carácter sagrado, dirigidas por sacerdotes e anexas aos templos dos egípcios, assírios e babilónicos. Destas, chegaram até nós vestígios da **biblioteca de Assurbanipal**, encontrada pelo investigador Layard, em 1849 no palácio de Nínive.



Os documentos estavam escritos em caracteres cuneiformes sobre tábuas de argila.

A história referencia-nos outras grandes bibliotecas antigas, do século III a.c., como a de **Muscion de Alexandria**, com

400.000 volumes, fundada por Tolomeu I, escritos em papiros. Esta biblioteca foi incendiada por Júlio César e Omar.



La gran biblloteca de Alejandría con 400.000 libros, que trataban todas las ciencias humanas.

A outra grande biblioteca antiga é a da **cidade de Pérgamo**, fundada por Atalo, com escritos em pergaminho, nome dado ao material de origem animal usado nesta cidade de Pérgamo, donde vem o nome de pergaminho, uma vez que tinha sido proibida a exportação de papiros.



As bibliotecas de Alexandria e Pérgamo foram reunidas à de Aristóteles, perfazendo um total de 700.000 volumes, que Marco António ofereceu de presente a Cleópatra depois

da conquista romana, que anexou as mais importantes bibliotecas gregas e outras (a de Polícrates de Samos e a de **Euclides** de Atenas).

Todos os povos civilizados espelhavam a sua cultura nas suas bibliotecas. Roma não fugiu à regra e, a partir de Augusto, desenvolveu-se a instituição das bibliotecas, fundando as duas primeiras de carácter



público – a Octaviana e a Palatina –, disseminando-se muitas outras pelas restantes

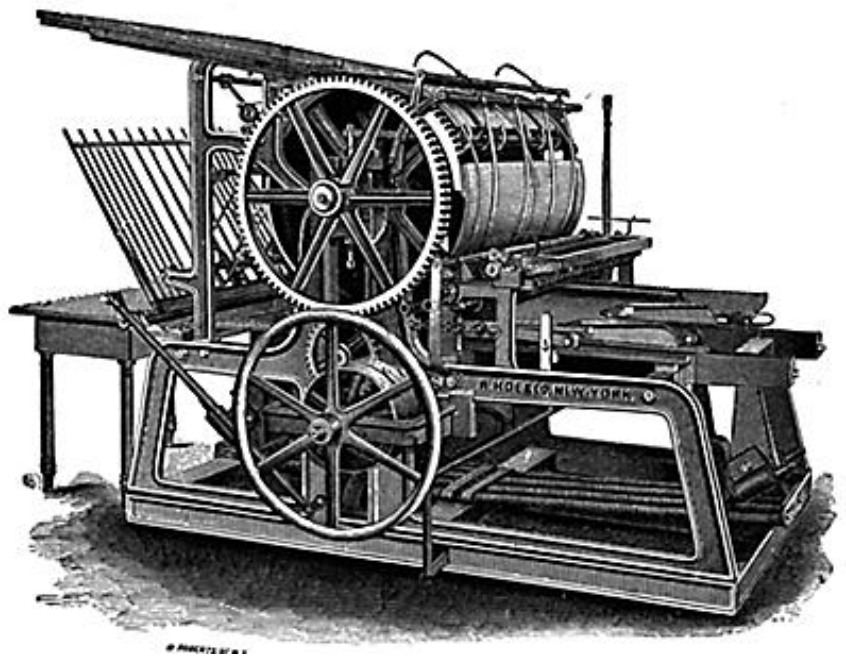
grandes cidades do império. Este movimento foi contido com a queda do Império do Ocidente (450) e a correspondente invasão dos bárbaros que dispersaram este inestimável manancial da cultura antiga. Se não fossem os frades, sobretudo beneditinos, a recolherem muitas destas preciosidades bibliográficas e a copiarem as obras mais famosas, ter-se-ia perdido a enorme herança dos nossos antepassados. Na biblioteca de Constantinopla foram conservados cerca de 6.000 volumes. Na alta Idade Média, este movimento de bibliotecas públicas foi diminuindo, registando, contudo, o contributo dos árabes, dos visigodos e de algumas instituições cristãs.



Invenção do papel e da imprensa

O grande incremento bibliotecário surgiu a partir da invenção do papel, no séc. XI, pelos Árabes, e da imprensa, por Gutemberg, no séc. XV.

O livro começou a ser vulgarizado, tornando-se mais acessível. Então, o caudal das bibliotecas não



deixou mais de aumentar de volume em todo o mundo culto. Este é um rio que atravessou na sua história, desde a era antropozóica, até aos nossos dias, a Idade



Contemporânea, passando pela Idade Antiga (desde os primórdios dos impérios asiáticos até á queda do império romano do ocidente, 450 d. c.),

pela Idade Média (até à queda de Constantinopla - 1453), pela Idade Moderna (até ao começo da Revolução Francesa -1789). Já antes, mas com a invenção papel ainda mais, os escritores ou escrivãos começaram a dar largas à sua imaginação nas formas de representação escrita, tornando-a mais atrativa, senão mesmo mais complicada na sua leitura.

Cá entre nós, na península Ibérica, cuja escrita procede da fenícia, desde Recaredo, que adotou o tipo de escrita romana, passou-se a usar o tipo de letra visigótica ou toletana (sec. IX), semigótica (séc. XI-XII), a carolíngia (Carlos Magno, sec. XIII), cursiva e gótica (séc. XVI), processada encadeada (séc. XVII), italiana e humanística. São modos de procurar arte na forma de escrita.

Deve-se mencionar **grandes bibliotecas a partir do alvorecer da Renascença:**



Academia
Platoniana
de Florença
(1440) e a
de Lourenço
de Médicis;
a Vaticana
(1455); a
Imperial de
Viena

(1480), com mais de um milhão de volumes hoje; a de Budapeste; a de Madrid, onde Filipe II lança as bases da biblioteca do Escorial (1584); a de Londres (Biblioteca do Museu Britânico, 1753, contando atualmente com mais de dois milhões de obras e de 60.000 manuscritos); a de Munich; a de Berlim e a de Paris (1854-1875), a maior do mundo com mais de quatro milhões de volumes e 123.00 manuscritos, estampas, medalhas. Em todas as grandes cidades há grandes bibliotecas com milhares e milhares ou milhões de obras.



Em Portugal

No contexto europeu, Portugal não ficou atrás.

A primeira biblioteca organizada atribui-se a D. João I, ampliada depois por seu filho D. Duarte. D. Afonso V enriqueceu muitíssimo esta livraria com documentos, manuscritos valiosos e livros impressos adquiridos, tornando a sua biblioteca uma das primeiras do seu tempo. Os monarcas que lhe sucederam continuaram a aumentar a biblioteca real. A da Ajuda, de D. José I, foi destruída pelo terramoto de 1755. O grande desenvolvimento de bibliotecas deve-se às ordens religiosas: Alcobaça, Tarouca, Santa Cruz de Coimbra, Pombeiro, Santo Tirso. Em Alcobaça, em 1269 (11 de Janeiro), na biblioteca do mosteiro, abriram-se os primeiros estudos públicos que existiram no reino.

Entre as bibliotecas de grande dimensão, estão:

- **A da Ajuda**, instalada no palácio da Ajuda, depois da que se encontrava no Paço da Ribeira e foi destruída pelo terramoto de 1755. D. José, a partir de 1756, pela aquisição de grandes coleções particulares, constituiu o fundo inicial desta biblioteca. Este movimento de aquisição foi continuado nos reinados seguintes.
- **A da Assembleia Nacional**, no edifício da Assembleia em Lisboa e é a antiga biblioteca das Cortes, criada em 1836.
- **A da Imprensa Nacional de Lisboa**, com obras importantes nas áreas das Ciências, das Artes, da História, da Geografia e da Literatura.

- **A importantíssima biblioteca da Universidade de Coimbra**, com sua origem no movimento renascentista chegado a Coimbra nos meados do séc. XVI, estando intimamente ligada aos Estudos que nesta cidade se fixaram definitivamente em 1537. Para esta grande biblioteca, foi construído o magnífico edifício com início em 17 de Julho de 1717, por D. João V.



- **A de Mafra**, instalada no palácio anexa ao Convento. É uma das mais ricas de Portugal.

- **A Popular de Lisboa**. Surgiu em 1918 para descongestionar o movimento da leitura da Biblioteca Nacional e para dar acesso à cultura científica, literária e artística. Nesta biblioteca existe uma hemeroteca, isto é, sala destinada a jornais e publicações periódicas.

- **A Biblioteca Pública de Braga**. Foi fundada (1840) por Manuel Rodrigues da Silva Abreu, amigo e companheiro de Garrett no exílio, para nela recolher o espólio dos conventos e mosteiros extintos em 1834. Depois da recolha feita em todas as instituições religiosas do distrito, foi inaugurada em 16 de Setembro de 1857.

- **A Nacional de Lisboa**, no convento de S. Francisco da cidade, cuja denominação atual data de 1836. Tem o seu recheio conseguido de várias procedências, rica em obras antigas.



Em todas as cidades surgiram bibliotecas: em Évora, Ponta Delgada, Beja, Castelo Branco, Castelo de Vide, Covilhã, Elvas, Faro, Figueira da Foz, Funchal, Fundão, Gaia, Guarda, Leiria, Moura, Porto, Santarém, Setúbal, Tavira, Viana do Castelo, Vila Real, Viseu.

Não é possível mencionar todas as bibliotecas. Pode-se dizer que, hoje, não há instituição pública ou autarquia que não disponha da sua biblioteca. É claro que a importância e o valor destas bibliotecas não é, de modo algum, o mesmo que o das grandes e mais antigas.

Cada escola tem a sua biblioteca, maior ou menor.

A nossa também. É um espaço, ao mesmo tempo, de leitura, investigação, lazer, trabalho. Além de livros e de obras de valor literário, científico, filosófico, histórico, os



seus utentes dispõem ainda de internet e de outros meios em suporte informático. A biblioteca é um lugar de diálogo cultural encetado por cada um no silêncio e disponibilidade de uma obra que manuseie.

As bibliotecas, desde os mais

remotos tempos, não são de geração espontânea. Apareceram naturalmente na história dos homens para os servirem, enobrecerem, testemunharem e desafiar a rasgar novos horizontes. Não são apenas depósitos de ciência envelhecida ou morta, mas nascentes ou canais por onde correm águas ao encontro dos que têm sede de saber.



Uma biblioteca merece o nosso respeito e apreço, pois oferece-nos possibilidades de memória e cultura, investigação e consulta, informação e lazer.

Investigando os passos da história das Bibliotecas

Equipa da Biblioteca

Antónia Cunha